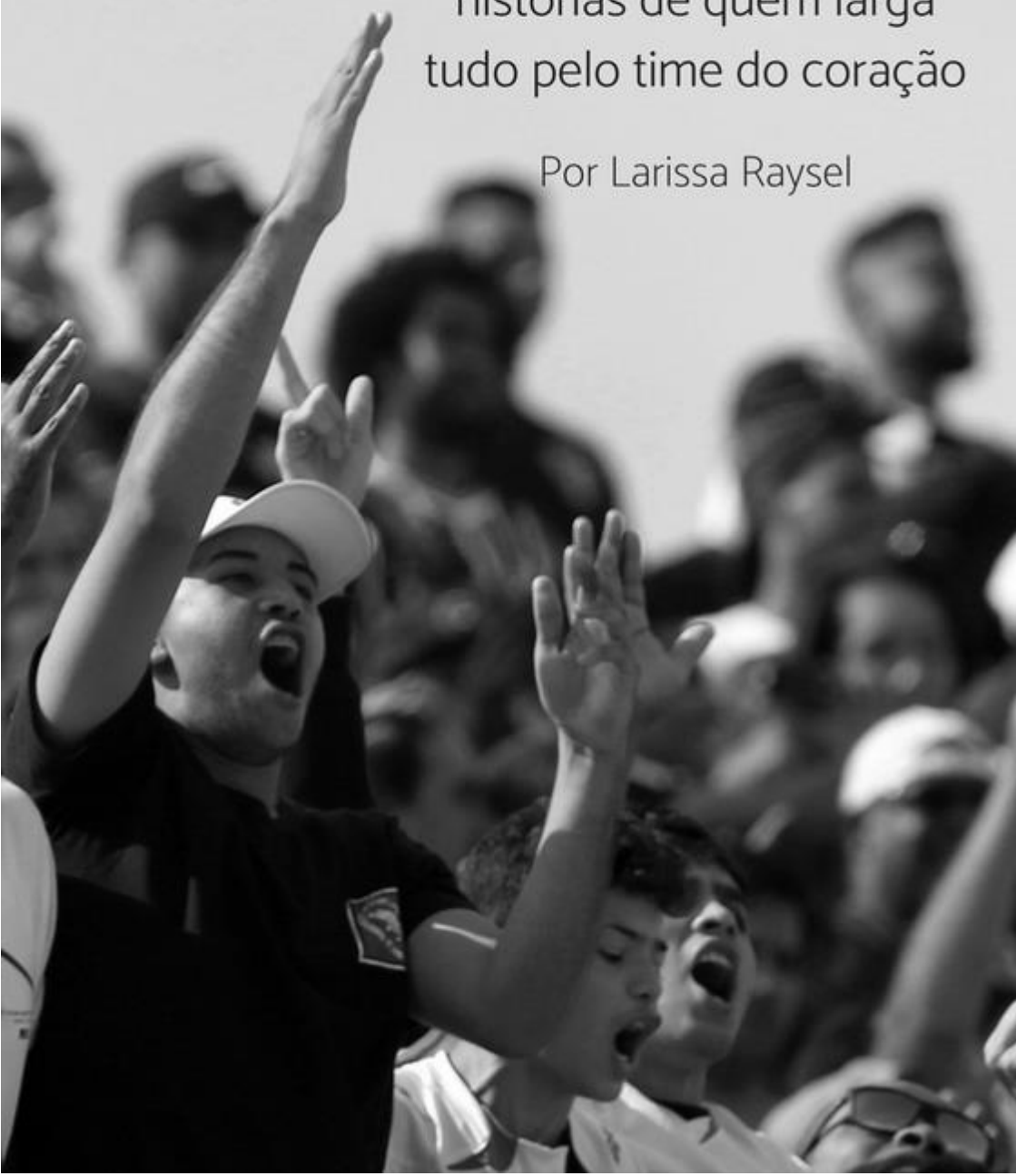


12° JOGADOR

histórias de quem larga
tudo pelo time do coração

Por Larissa Raysel



Larissa Raysel

12° JOGADOR

histórias de quem larga
tudo pelo time do coração

Projeto editorial: Larissa Raysel

Diagramação: Larissa Raysel

Foto da capa: Rubens Chiri

Foto Petros: Rubens Chiri

Fotos dos

entrevistados: Respeitosos
arquivos
pessoais

À minha mãe, Sandra Prado, guerreira, forte, que sempre me deu as broncas necessárias e que me doutrinou a ser são-paulina.

Ao São Paulo Futebol Clube, pelas infindáveis alegrias e por me ensinar todos os dias o que é amar incondicionalmente.

Sumário

Apresentação	_ 9
Petros Araújo	_ 19
Anderson Felipe	_ 35
Bruno Henrique	_ 47
Márcia Magalhães	_ 59
Luan Araújo	_ 67
Juliano Rodrigues	_ 77
Aline Silveira	_ 89
Álison do Amaral	_ 99
Ana Beatriz Zayat	_ 121



Larissa Raysel, 22
anos, torcedora do
São Paulo Futebol
Clube

APRESENTAÇÃO

“**N**ão se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido.

Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo de patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Esse é um livro que quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, que aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo” (Darcy Ribeiro, em “O Povo Brasileiro”, de 1995).

11

Começo com esta citação para deixar claro desde já: estudo jornalismo, mas não tenho a pretensão de ser, neste trabalho, isenta. Este é um livro sobre paixão, sobre pessoas que abdicam, de alguma maneira, de suas

vidas pessoais a fim de acompanhar seus times do coração. E, honestamente, esse é um assunto que só quem vive entende. Só quem faz parte poderia contar essas histórias de modo profundo, sem correr o risco que um narrador qualquer contasse essas histórias de modo displicente – já que o amor pode ser tudo, menos banal, e merece a mesma empolgação ao ser contada que um torcedor tem ao falar sobre o time do coração.

12

Não acredito na imparcialidade do jornalista, assim como não acredito que a verdade seja um conceito único. O jornalismo, para mim, é a chance de expor ideias de modo que o leitor, telespectador ou ouvinte forme suas opiniões a partir de ideias expostas.

Portanto, o que apresento aqui são as verdades de cada torcedor, sem a menor intenção de julgá-los. Isso fica a cargo do leitor, se assim desejar.

Então, prazer: sou Larissa, 22 anos, são-paulina e estudante de jornalismo. Nasci são-paulina, por culpa da minha mãe. Brinco que ela criou um monstro, não uma torcedora. Tenho um gato chamado Raí Rogério e um cachorro chamado Lugano, além de cinco tatuagens que se relacionam com o São Paulo Futebol Clube.

Decidi fazer jornalismo com 12 anos, quando participei do extinto projeto de repórteres-mirins da Gazeta do Povo. Sempre gostei de escrever e de contar histórias e entendo que é justamente aí que

as minhas duas principais paixões sustentam este livro. O fato de ser uma torcedora fanática, que gasta o dinheiro que tem - e que não tem - para acompanhar o time onde quer que seja faz com que eu conheça de perto esse amor. Não só de perto: por dentro. E é encantador.

É livre de qualquer amarra e não depende de mais nada. Como dizem, o torcedor pode mudar de emprego, de casa, de parceiro, de cidade... De time, nunca.

O torcedor é o 12º jogador. Na arquibancada, gritando, cantando, apoiando, ele é capaz de mudar o resultado de um jogo. É a maior parte de um Clube. É o que fica.

Por isso, sinta-se à vontade. Se você também gosta de futebol, provavelmente vai se identificar com o livro. Se não, é um excelente momento para conhecer as razões por trás das loucuras.

Espero, do fundo do coração, que goste. O que está aqui é o que me move, que ocupa meus dias, minhas contas... O que regula meu sono e que altera meu humor.

15

Faço porque amo. E, como diz minha mãe, amor a gente não escolhe: acontece.

Esse livro é, antes de tudo, sobre amor. No fim, independe qual é o escudo na camisa de cada um dos personagens, se moram na capital ou no interior, se nasceram já

amando um clube ou se se tornaram com o passar dos anos.

Há quem perdeu a mãe e lembra dos momentos em que poderia ter estado com ela, mas estava ao lado do Clube, quem deixou a faculdade de lado por gastar o dinheiro com viagens para ver jogos como visitante e há quem trate o ídolo do time como deus (até rezando para ele).

16

São detalhes muito pessoais e, por isso, escolhi deixar a narrativa em primeira pessoa. Não acho justo tirar o jeito de cada um de falar. As histórias não ficariam tão ricas. O mesmo vale para expressões normalmente consideradas “chulas”, mas que além de serem comuns no futebol, caracterizam a fala de cada torcedor.

Torcer é uma experiência passional. Sendo uma torcedora, sei do sentimento que é achar que o time só correu tanto porque você estava na arquibancada gritando.

Embora o jornalismo peça comprovação dos fatos, há certas coisas que não tem como medir, ainda mais quando falamos de amor. Por isso, leitor, tente entrar no universo de cada um. Esse tipo de informação fará sentido para você também.



“O torcedor é
nosso principal
combustível, nosso
termômetro. É por
ele que estamos
aqui. É o maior
patrimônio do
Clube.”

Petros Araújo, 29 anos,
jogador de futebol

Anderson Felipe, 29 anos, torcedor
do Atlético Paranaense



Eu infelizmente não nasci atleticano. Minha mãe não gostava de futebol, meu pai não gosta de futebol, então eu nasci sem time. Tinha dois tios, um coxa-branca e um atleticano e eu não sei por quê, mas gostava mais do segundo. Foi ele que me influenciou. Comecei a torcer com uns 5 ou 6 anos. Só que eu morava em Paranaguá na época, então não conseguia frequentar o estádio. Vim a primeira vez em 2004, com 15 anos. Logo de cara, uma final de Campeonato Paranaense, Atlético 3 x 3 Coritiba, no tempo normal. Perdemos o título nos pênaltis.

37

Logo no ano seguinte, porém, fomos vice-campeões brasileiros, então aquela derrota não significou muito na paixão que estava se formando. Mas antes disso, antes até de vir em estádio, lá por 1998, eu já era fascinado

por torcidas de qualquer time. Eu olhava aquele pessoal gritando, apoiando, torcendo e falava: “Porra, cara, é isso que eu quero para a minha vida”. Eu ficava vidrado. Olhava para a Fanáticos, para o presidente, que na época era o Julião e pensava: “Esse cara é o cara”. Acho que, se não fosse a distância, eu teria começado a vir antes. Eu era muito insistente com os meus pais com esse assunto.

38

Antigamente, a Fanáticos era até mais conhecida do que o Atlético e era ela que me encantava. Sempre foi uma torcida fantástica, que mudou resultado de jogo na base do grito, que tem uma história linda de cuidado com a nossa casa antes da reforma. Quando o Clube não tinha dinheiro para a manutenção, eram os torcedores que cortavam a grama, pintavam, limpavam...

Sou membro desde 2004. Me sinto realizado de fazer parte.

Eu sou diretor de torcida desde 2014. Faço de tudo um pouco, dando suporte em todos os setores. Concilio o trabalho aqui com uma empresa de manutenção de máquinas que tenho junto com o meu pai e com a faculdade de direito. É difícil, mas é o que eu gosto. Torcida Organizada é estilo de vida. O torcedor comum sai do jogo e provavelmente a relação dele com o time acabou ali. Nós, não. Saímos já pensando no próximo jogo, se tem que viajar, a logística de tudo. Não somos mais torcedores que ninguém, mas torcemos de uma maneira diferente.

Quando eu olhava para a arquibancada, meu sonho era fazer parte disso aqui. Queria ajudar a construir aquela festa, a incentivar o time. É difícil colocar em palavras porque é coisa de sentimento. Eu gosto porque eu gosto. Isso me traz até mais coisa ruim do que coisa boa, mas é o meu estilo de vida. Já perdi até casamento por causa da torcida. O trabalho é aqui, o lazer é aqui... A vida é aqui. Aí fica complicado, né? Não tem como ter relacionamento assim. A gente já brigou até por causa de televisão. Na época, nós precisávamos de uma nova e estávamos guardando dinheiro pra comprar. Só que, na mesma época, tinha um jogo na Bolívia e eu dei um jeito de surrupiar o dinheiro para viajar. O relacionamento não acabou só por causa disso, mas por causa de uma sucessão de fatos desse estilo de vida. Se chega em um ponto de “ou eu,

ou o time”, um abraço. Não tem nem competição.

Hoje, tenho dois filhos. Um de 5 anos e um de 1 ano e meio. Só o mais velho já veio comigo, mas eu não incentivo muito. Essa nossa vida é muito complicada. Se eles decidirem vir por conta própria, tudo bem, mas não têm o meu estímulo, porque nós somos muito mal vistos na sociedade. Eu apenas quero que eles sejam atleticanos, claro, mas não que tenham uma vida tão relacionada ao Clube como eu tenho. Esse negócio de abdicar da vida, de estar em família, de curtir outros momentos, não.

41

Minha mãe se suicidou em 2009 e eu sei quantos momentos perdi de estar com ela. Não me arrependo, porque ela sempre me

incentivou e acho que acabou sendo até mais atleticana do que eu, mas é por isso que falo que tem que partir da vontade deles. Se eles quiserem, terão meu apoio e eu vou mostrar o caminho que eu acho certo, mas só se for decisão deles.

Qualquer torcida organizada tem muito o estigma de torcida violenta. Só que a violência está enraizada no Brasil inteiro. Não tem como o futebol fugir disso. Aqui na Fanáticos tem desde traficante até juiz que frequenta e não está escrito na testa de cada um quem é quem, mas está todo mundo junto, apoiando o Atlético. Não adianta ser hipócrita e dizer que torcida organizada não tem violência, que não tem problema. Claro que tem, mas aqui no Paraná são problemas diferentes. Pega outros estados brasileiros, onde a

criminalidade é maior, como por exemplo o Rio de Janeiro, e vê a questão da briga de torcidas. Não tem nem comparação. Aqui é mais baderna que briga. É quebra-quebra em ônibus, mas não tem morte.

Nós sofremos proibições que são injustas. Se pune todo mundo, menos o indivíduo que cometeu o ato. Eu falo com propriedade, porque, em 2017, teve um tumulto com os seguranças na entrada de Atlético-PR x Grêmio durante um protesto contra essas proibições e eu tinha um pensamento errado na época. Me envolvi na briga e estou pagando até hoje, porque respondi no juizado criminal. Agora, faltando 10 dias para prescrever, o Atlético apresentou outra denúncia por dano qualificado e eu vou ter que responder, mas hoje eu tenho um pensamento diferente do

que eu tinha naquela época. Eu sei o que eu fiz, sei que me excedi e que tenho que pagar por isso. Sei que não posso fazer de novo. O problema é manter a impunidade daquele que erra e punir quem não tem nada a ver.

Isso passa muito pela diretoria do Atlético-PR, que toma decisões que prejudicam muito a própria torcida. Já aconteceu de liberarem a bateria da torcida do Palmeiras e a nossa não. Temos um estádio moderno em que tudo é proibido. Pegam o que há de pior no futebol europeu e só copiam aquilo. Eu me vejo cada dia mais distante do Clube, mas nunca da Fanáticos. Só estou cansado de punições desnecessárias. Até consigo me ver vindo para a sede da torcida durante um jogo em casa, sem entrar no estádio, porque a atmosfera lá não é legal. O que salva são

os jogos fora de casa, em que podemos fazer a nossa festa.

Eu sempre vou estar aqui. Por paixão, por obrigação, por assumir compromissos. É uma vida cansativa, mas é o que eu gosto, o que eu sempre quis pra mim.

Não é por ser atleticano, por ser da Fanáticos... Eu tento sempre me manter imparcial para analisar as coisas. Só que quando essa torcida se junta, não tem... **O sentimento da torcida quando pega fogo é diferente.**

Bruno Henrique, 29 anos,
torcedor do Paraná
Clube



Ganhei minha primeira camisa do Paraná quando tinha uns 4 anos, do patrão da minha vó. Foi a primeira pessoa que me influenciou a torcer. Além dele, uma família inteira de paranistas era vizinha da minha e eu sempre os via indo aos jogos. Sempre admirei o amor deles pelo Tricolor.

O amor foi crescendo e eu fui influenciando toda a minha família a ser paranista. Não sou um apenas um torcedor. Sou um embaixador do Paraná Clube e do “paranismo”, o sentimento de amor que sentimos por esse Clube. Meus pais, irmãs, namorada, alguns amigos, minha filha... Todos paranistas por minha influência.

Em 23 de novembro de 2003, fui ao meu primeiro jogo no estádio, depois de muita insistência com o meu pai. Ele me levou ao Pinheirão para ver Paraná 1 x 3 Cruzeiro. Foi inesquecível, mesmo com o placar adverso. Eu tinha 15 anos e ficamos nas cadeiras sociais por ser um lugar com menos chance de problema, mas meus olhos estavam vidrados na arquibancada, na torcida organizada e nos batuques. A vitória seria difícil, mas isso, sinceramente, não importava. Eu estava realizando um sonho que tinha desde os 9 anos. Passei 6 anos ouvindo jogos pelo radinho e vendo pela TV. Estar no estádio era sentir aquela energia de perto, ter a emoção de estar em um estádio lotado.

Desde o Campeonato Brasileiro de 2006, comecei a frequentar o estádio com aqueles

vizinhos tricolores. Em 2009, parti para a minha primeira viagem, o meu primeiro jogo fora de casa: Guarani 1 x 2 Paraná, pela série B do Campeonato Brasileiro. Fui com a Fúria Independente Tricolor. Uma viagem com cinco ônibus. Escolhi esse jogo por ser mais tranquilo para ir, já que a torcida deles era aliada com a nossa, então não tinha risco de conflito. Tivemos um churrasco numa chácara com a torcida do Guarani durante a manhã de sábado, dia do jogo. Foi uma confraternização muito bacana com o pessoal de Campinas. Muitos torcedores deles que conheci nesse dia tenho contato até hoje.

51

Tenho orgulho de representar a nossa camisa onde quer que eu vá, em qualquer situação, não apenas em jogos. Qualquer pessoa que me conheça, antes de saber o

meu nome, sabe para qual time torço. O paranismo não é apenas torcer, é carregar toda a nossa história, nossas origens dos ferroviários, dos colonos italianos, de todo o povo trabalhador que formou os times que deram origem ao Paraná Clube. Sinto um orgulho enorme de levar esse escudo, o pinheiro, o pinhão, a Galha Azul, símbolos do nosso estado. Eu sou bem bairrista, sou apaixonado pelas coisas da nossa terra. E cada vez que boto a nossa camisa, esse orgulho é multiplicado. É isso que tento ensinar para a minha filha, que tem 8 anos.

52

Ela já ama ir ao estádio. Ela vai em quase todos os jogos desde o início de 2017 e usa aquela camisa que eu ganhei do patrão da minha vó. Sempre vou incentivar para que ela acompanhe da mesma forma que eu. Espero que ela também sinta esse orgulho

que tenho da nossa história e das nossas cores. Claro que nem tudo é orgulho. Me arrependo de pegar ônibus sem pagar, de xingar algumas pessoas e de cuspir em torcedor adversário. Rende história, mas não faria de novo. Hoje, vou na boa.

Minha família já se acostumou, e sabe que pode mudar tudo, menos meu amor pelo meu time, e minha frequência assídua ao estádio. Gasto uns R\$ 2.500,00 por ano com o time, contando ingresso, transporte, cerveja, lanche, viagem, camisas... Isso não vai mudar.

Nesses 12 anos acompanhando de perto, foram mais de 350 jogos. Alguns rendem excelentes histórias além do jogo em si. Em uma viagem ao Rio de Janeiro para um jogo

contra o Vasco, fomos em quatro amigos. Um deles tinha no celular um app de controle remoto de TV e nós fomos desligando todas as TVs do aeroporto e os demais locais que passávamos. Levamos uma bola e chegamos jogando futebol dentro do aeroporto. Outra viagem muito legal foi para Goiânia, em 2013. Dessa vez, fomos em 12 amigos.

Locamos um ônibus lá na cidade para nos locomovermos e ficamos hospedados na casa de um amigo goiano, torcedor do Goiás. Estávamos indo para o estádio e paramos em um bar para beber. O problema foi que esquecemos um de nossos amigos lá e só demos falta dele já lá perto do estádio. Ligamos para ele e ele disse que estava terminando sua última cerveja, bem tranquilo. Acabou indo de táxi para o jogo.

No dia 3 de outubro de 2017, aconteceu um jogo que mexeu com os brios de todo paranista e mostrou para todo mundo que, mesmo há tanto tempo na série B, somos capazes de muitas coisas que talvez nem imaginássemos. A campanha “Cale quem Duvida” foi inesquecível. Quebramos o recorde de público da Arena da Baixada e vencemos o Internacional por 1 x 0, no grito. Já era reta final do campeonato e tínhamos chances reais de subir. Foi uma vitória importantíssima.

55

Em 19 de novembro de 2017, eu estava em Maceió (AL) para acompanhar CRB 0 x 1 Paraná, o jogo que definiu nosso acesso para a série A. Foi épico. Foram 10 anos de angústia. Todo início de campeonato pensando se iríamos subir, nos iludindo com

elencos fracos, com espasmos em algumas partidas que até nos faziam acreditar que aquele ano poderia ser diferente, mas nunca era. Foram 10 anos em que o amor só aumentou.

Ao longo do meu tempo de estádio, conheci muita gente. Lá também é o local de reunião de amigos. Você toma uma cerveja junto, se alegra, se entristece junto... Isso torna prazerosa a ida ao estádio independente do resultado. Passa um jogo você já fica ansioso para o próximo, para rever os amigos, o agito da torcida. Para mim, ir ao estádio é também relembrar os amigos que já se foram, que eram paranistas e amavam estar na Vila, é poder estar representando aquelas pessoas que queriam estar lá no jogo e por algum motivo não podem.

O Paraná é um membro da minha família. Quando ele está mal, ele necessita da sua presença, não do seu abandono. Isso em qualquer lugar. Já gastei R\$ 2.000,00 em uma viagem, porque decidi ir de última hora. Já fui pra Guaratinguetá (SP), em 2013, em um jogo na penúltima rodada que já não valia mais nada. Peguei uma chuva muuuito gelada, fui o único paranista do estádio. Ainda fiquei trancado no estádio, porque os policiais do setor visitante tinham ido embora. Tive que voltar de mototáxi até Aparecida (SP) e fiquei sem jantar para poder comprar uma outra camiseta no dia seguinte, já que a minha estava encharcada. Voltei de chinelo, porque o tênis também estava sem condições de uso.

57

Eu desejo que possamos permanecer na série A, que os torcedores venham ao

estádio e que o Paraná Clube possa ser a razão da alegria de muita gente, assim como ele é para mim. Além dos jogadores que usam a nossa camisa, é o nosso nome que está lá. Elencos passam, mas o Clube fica. Jamais podemos abandoná-lo.



Márcia Magalhães,
34 anos, torcedora do
Atlético Paranaense

Minha família é toda torcedora do Atlético-PR, então não sei bem ao certo quando foi que comecei a torcer. Acho que a principal influência foi por parte do meu pai, do meu irmão e dos meus tios. Aí acaba passando o amor pela família, tanto que ajudei muito na escolha do time das minhas duas afilhadas.

Comecei a ir no estádio com uns 12 ou 13 anos, com verdadeiro afinco. A primeira vez eu era muito pequena e fui com o meu pai. Ficamos nas cadeiras em frente à torcida organizada e lembro que passei o jogo inteiro olhando a torcida, encantada. Uns anos mais tarde, fui para o primeiro jogo fora de casa, em Irati (PR). Foi no Campeonato Brasileiro de 1998. O time estava bem e teve um apoio maciço dos torcedores, que foram em vários ônibus.

Eu gosto mais de calor e praia, então nunca quis morar para sempre em Curitiba. Sempre quis morar no Rio de Janeiro e estou aqui há 7 anos, então meu gasto com o time caiu. Às vezes dá a louca e eu viajo só para ver uns jogos. Fiz isso na Copa do Brasil de 2018, contra o São Paulo, no Morumbi.

Quando eu era adolescente, minha mãe ficava preocupada, mas achava que era só uma fase, mas hoje ela já está acostumada. Só fica bem brava quando eu fico triste por uma derrota ou fase do time. Quando eu tiver um filho, não serei assim. Espero que ele goste de futebol tanto quanto eu.

62

A primeira viagem longa que fiz para ver o Atlético foi em 1999. Eu tinha só 16 anos.

Cheguei na sede da torcida em Curitiba para comprar, mas já tinham acabado todas as vagas na caravana. Comecei a chorar na hora. Um menino da torcida que sempre estava lá e me via sempre acompanhando disse que tinha só mais uma vaga, mas era o ônibus que ia a galera mais barra pesada. Fiquei meio tensa, mas fui do mesmo jeito. Foi excelente. Na volta, tive a opção de trocar para o ônibus da diretoria, mas eu não quis. Em contrapartida, na Primeira Liga de 2016, fomos para o Rio de Janeiro ver o jogo contra o Fluminense, só que pegamos muito trânsito e chegamos só no intervalo do jogo. Ainda saímos com a derrota. Foi a pior viagem que fiz até hoje.

Não há nada que mexa mais com os meus sentimentos do que o Atlético. Todo mundo que me conhece sabe que sou atleticana. É

um amor muito sincero e que me traz as melhores e piores lembranças, por tudo o que envolve. Não quero esquecer nunca, por exemplo, o jogo contra o Fluminense pelo Campeonato Brasileiro de 2001, assim como queria apagar da memória todos os Atletibas que perdemos até hoje.

É pelo Atlético que eu faço minhas maiores loucuras. Em 2013, só para citar um caso, eu tinha acabado de ficar desempregada e paguei R\$ 250,00 no ingresso na Copa do Brasil de 2013, mas valeu a pena, apesar do vice-campeonato.

Quando o Atlético ganha, meu humor muda. Quando perde, também. Até que quando é um jogo aleatório nem tanto, mas um decisivo ou clássico, eu fico bem brava.

Quando é sequência de derrotas, então, como estamos agora, eu fico insuportável.

Já fiz muitos amigos graças ao clube. Muitos inimigos também (risos), mas o saldo é sempre positivo. **O Atlético é o meu amor incondicional.** Representa tudo na minha vida, porque não tenho nem lembranças de esse clube não fazer parte de tudo o que vivo. Agradeço sempre por ter nascido atleticana.



FIEL TAUBATE

FIEL TAUBATE

GAVIÕES
DA
FIEL

Luan Araújo, 28 anos,
torcedor do
Corinthians

FIEL

nec
quinc
GENÉIO

Minha mãe é são-paulina e meu pai era corinthiano. Eles tinham combinado de que a escolha do time seria minha, para não dar briga. Aos quatro anos, meu pai me levou para ver Corinthians x Juventus pelo Campeonato Paulista de 1994. Ele estava todo animado, porque o Corinthians tinha vencido o Palmeiras da Parmalat no domingo anterior e achou que essa era uma boa chance para eu ver o time em campo. O resultado do jogo não foi o esperado: perdemos por 1 x 0, mas a torcida não parou de cantar nem sequer um minuto e isso me encantou. Foi ali que eu virei efetivamente corinthiano.

Minha mãe chegou a me levar em alguns jogos do São Paulo. Vi, inclusive, a final da Libertadores de 1994 no Morumbi, quando o Vélez foi campeão, mas eu já estava

encantado pelo Corinthians e pela torcida.
Não teve jeito.

Quando meu pai faleceu, em 2001, me agarrei ao Corinthians como uma válvula de escape. Antes eu já era doido, mas o sentimento se intensificou depois da partida dele. Em caravanas, sozinho, eu só comecei a ir em 2004 (a minha primeira foi contra o Botafogo, em Caio Martins). Foi também quando eu comecei a mudar a minha agenda de acordo com o calendário de jogos do Corinthians.

Nessa loucura, já levei comigo minhas priminhas de segundo grau e a minha afilhada, que hoje tem 16 anos e já vai em alguns jogos comigo.

O primeiro jogo que fui fora de casa foi uma vitória por 3 x 2 contra o Ituano pelo Paulista de 1998. Eu tinha só 8 anos, estava tomando café em casa quando dei a ideia para o meu pai. Algo como: “Pai, vamos para Itu?”. Eu nem sequer sabia qual era a distância de São Paulo para Itu, mas eu queria ir. Sorte que era perto. Meu pai aceitou a ideia e fomos de caravana com a Gaviões da Fiel.

Já em 2005, quando o Corinthians foi campeão brasileiro, eu saí escondido da casa da minha mãe, peguei minha mala e fui para Goiânia, onde era o jogo decisivo, e bati na porta de uma tia que morava lá. Não foi a primeira vez que fiz algo escondido assim. Nas minhas primeiras caravanas, eu ia escondido, com a ajuda do meu primo. Em 2006, peguei um empréstimo sem minha mãe saber para ir para a Argentina ver o

jogo contra o River Plate na Libertadores de 2006.

Mas voltando para a viagem para Goiânia... Quando cheguei em casa, nossa! Ela só não me bateu, mas me deixou de castigo por um bom tempo. Ainda assim, é uma história legal de lembrar. Outra foi uma viagem de última hora para Belo Horizonte, na última rodada do Brasileiro de 2009. Nosso ônibus quebrou perto de Tiradentes (MG) e não chegamos a tempo do jogo contra o Atlético-MG. Acabamos vendo o jogo em uma república universitária em que um cara da torcida do Corinthians de lá morava. Ainda bem que vencemos o jogo, que não valia muita coisa para o campeonato. Ficamos por lá e aproveitamos a noite.

Embora essa viagem não tenha dado muito certo, é boa de lembrar. Uma nem tão legal assim foi em 2008, contra o Sport, na final da Copa do Brasil. Paguei caro na passagem para Recife, mais caro ainda no ingresso, fomos assaltados por um taxista, conseguimos ver só o segundo tempo do jogo e o time perdeu. Para completar, ainda tivemos uma briga homérica com a polícia de lá e com a torcida do Sport. Como dizem, dia de cão.

73

Apesar disso tudo, me orgulho muito de o clube ser uma instituição que anda junto das minhas convicções como pessoa. Até que hoje nem tanto, por causa da diretoria, mas ainda vale, porque estudo com afinco a história do clube e gosto do modo como se porta a torcida, o clube em si. Um clube popular deve sempre ser da sua torcida e

fazer parte de algo tão grande e popular tem a minha cara.


Hoje, só me arrependo dos cantos homofóbicos que já entoei em estádios. Esses cantos homofóbicos, machistas, misóginos e xenófobos me deixam muito mal quando olho para trás e percebo que fiz parte disso. Mais velho e com mais bagagem de mundo, tento me policiar para não repetir esses erros. Um jogo de futebol não pode ser usado como desculpa para você revelar o que tem de pior. Por isso, tento não repetir esses atos hoje.

Se um dia eu tiver um filho, espero que ele aprenda isso cedo. Se ele decidir torcer para o Corinthians (ou outro time, né, vai saber), eu vou dar conselhos para que ele saiba que

amar um clube de futebol é algo muito legal, mas que não pode deixar isso ditar por completo o ritmo de vida dele.

Há uns 10 anos, eu não era maleável assim. Moro com a minha mãe e acho que ela entendeu a minha loucura depois de um tempo. Tudo bem que hoje já não deixo eventos familiares de lado, mas eu era assim, por isso falo de deixar ditar o ritmo de vida. Mudou até a maneira de vibrar com os jogos. Antigamente, cada partida era como se fosse a última. Hoje, depende do tipo de vitória. A final do Campeonato Paulista de 2018, por exemplo, foi de uma alegria extrema, ainda mais pela forma como aconteceu, mas era uma final.

A mesma coisa acontece com derrotas. Eu tento seguir em frente. Fico mais bravo por dentro do que por fora. **O amor que sinto hoje pelo Corinthians é mais fraternal.** Hoje, sei que meu humor e minha vida não podem mudar se o Corinthians não vencer, se terminar o campeonato bem ou mal. A relação que tenho com o Clube tem que me dar só coisas positivas e isso passa por todos os jogos em casa, os jogos fora e todas as amizades que esse clube me deu.



Juliano Rodrigues (Lano), 39 anos,
presidente da Torcida Organizada
Império Alverde

Eu sou de Cambé, no interior do Paraná. Vim morar pra cá, em Curitiba, quando tinha 10 anos. Eu não tinha time nenhum, não torcia pra nada. Aí lá no bairro em que fui morar, 70% era coxa-branca. Dois amigos viviam me chamando pra vir pro estádio. Um dia vim, me apaixonei e não parei mais.

Dois anos depois, eu vim em um jogo que só tinha torcedor do Coritiba, com várias torcidas organizadas. Gostei da Império Alviverde de cara e quis muito participar, mas torcida organizada naquela época era muito diferente. Não bastava só comprar uma camisa pra fazer parte, tinha todo um ritual, você tinha que ser aceito. A Império não era a maior torcida como é hoje, então esse ritual era maior e mais difícil ainda. Tive que ralar bastante, levar uns safanões... Cansei de ouvir uns “sai daqui, piá, o que é que

você quer aqui?”. Depois de mais ou menos um ano de muita insistência, eu fui aceito.

Comecei como qualquer torcedor comum que quer fazer parte. Vinha para os jogos, cantava, ficava por perto na arquibancada, mas eu sempre fui muito participativo e isso é sempre muito valorizado dentro de uma torcida. Passei muito tempo ajudando em tudo um pouco. Em 1996, teve um racha na Império e um pessoal saiu pra fundar a Dragões Alviverde e eu fui junto, por me sentir mais identificado com essa galera. Como lá era menor, todo mundo tem mais espaço pra crescer. Eu fazia tudo, mas ficava principalmente na bateria. Em pouco tempo, outra briga interna fez com que vários saíssem, então eu assumi a direção de bateria da Dragões.

Em 2000, uma reunião com a Império Alviverde fez com que a Dragões fosse incorporada a ela. O presidente na época era o Luiz Fernando Correa, conhecido como Papagaio, que me deixou na bateria e me convidou para ser vendedor na loja da torcida e diretor de arquibancada. Fiquei nessa 10 anos, até entrar o Reimackler Grabovski, que me mandou embora da loja, mas acabou renunciando cinco anos depois. Dos nomes que ele tinha nas mãos, segundo o que ele me disse, eu era o de maior confiança, porque nunca tinha tido nenhum problema comigo. Eu tinha trabalhado 10 anos na torcida, nunca teve nada contra mim, nada que pudessem falar algo contra. Já teve diretor que ficou seis meses e já deu sumiço em um dinheiro. Esse tipo de coisa que acontece muito nesse meio de torcida e comigo nunca tinha tido, então eu era um nome meio que unânime do pessoal. Ele me chamou

em 2015, assumi como presidente da torcida e estou até hoje.

Eu acumulo funções. Sou o responsável pela produção dos materiais e por estar sempre em contato com o Clube e com a Polícia. Além de presidente, eu cuido da loja. Não tenho vergonha nenhuma de falar isso: a torcida não tem condições de pagar funcionários, então eu assumo mais esse trabalho: ficar na loja, principalmente durante a semana.

82

Com esse negócio absurdo de torcida única, tiveram reuniões principalmente com o Ministério Público. Não tem nem embasamento pra isso, mas pelo que eu entendi da conversa, foi uma proposta que partiu do Atlético e o MP resolveu encampar. Dizem que é pra diminuir a

violência, mas isso nem sequer faz sentido, porque o lugar que menos dá conflito é no estádio. Sempre é uma torcida que vai esperar a outra em terminal e a polícia nunca tá lá pra evitar, então qual a diferença?

De qualquer maneira, nós estaremos sempre no estádio para apoiar, mas de que adianta eu cantar só para o time em campo? Nossa festa é para o rival ver a gente fazendo uma festa maior que a deles. Quando a gente ia lá na Baixada, cantava mais forte para eles verem. Eu sou totalmente contra proibição de material da torcida rival no meu estádio. Por mim, toda torcida deveria ter o direito de entrar com faixa, bandeira e bateria. O futebol brasileiro é uma máfia. Querendo ou não, sempre os mesmos vão ganhar, sempre os mesmos vão perder e se você não entrar no jogo deles, você vira um Guarani da

vida. É muita sujeira. Você vê muito empresário que injeta dinheiro no clube e quer receber de volta, porque ninguém investe sem querer um retorno, então cansa.

Meu pai fala: “Vai lá torcer para aqueles caras lá, tudo cheio de dinheiro enquanto você tá aí, se matando para pagar as contas”. É... É o que eu gosto. Que culpa eu tenho, né, vai que um dia muda. Por enquanto, eu tô desanimado.

84

Eu já nem viajo com frequência. Parei também pela responsabilidade de ser presidente, de ter que cuidar da loja... Precisa sempre ter alguém aqui e eu não gosto de deixar na mão de outra pessoa. Eu prefiro ficar e ver surgir novas lideranças de viagem, novos grupos desses que viajam sempre. Tenho viagens inesquecíveis, tipo

a que fizemos pra Juazeiro do Norte em 2010. A gente atravessou o sertão do Ceará em uma van, 10 horas de viagem... Foi alucinante. Já teve viagem também que a gente ficou 20 horas parado no meio da serra porque o ônibus parou do nada, ninguém sabia qual era o problema e não tinha ninguém para ajudar. Aí quando finalmente consegue, chega o mecânico e você descobre que foi um parafuso que soltou. Isso depois de tomar 4 x 0 na casa do adversário, pós briga no estádio, só BO... Tem umas viagens complicadas, tem umas legais, mas hoje prefiro ficar aqui. Só vou se não tiver jeito.

85

Minha relação com o Coxa é passional, mas é física. Esse negócio de ficar assistindo jogo na televisão e xingando não é comigo. Se tem jogo fora e eu não viajo, eu não assisto. Esses dias, o pessoal estava vendo o jogo ali na sede e eu

estava no Facebook. Eu dou uma olhada de vez em quando, mas não assisto na TV, não escuto no rádio. Em casa, eu não tenho TV a cabo, então todas as atualizações que tenho são pelo WhatsApp.

Eu até fico feliz quando o Coritiba vence. Só que depois de muito tempo no estádio, principalmente dentro da torcida, você perde muito da vontade... O torcedor que vem no estádio, o torcedor comum, fantasia muita coisa. Depois que você vê como funciona o futebol na e cru do jeito que ele é, perde muito da fantasia, porque a realidade bate muito forte, mas qualquer torcida organizada tem como obrigação empurrar o time, manter o astral do time lá em cima. Por isso venho.


A gente até tem uma boa relação com o Clube. Principalmente nas últimas diretorias, é uma relação bem aberta. Se o time está indo mal, se quer fazer alguma cobrança, a gente liga direto pro presidente e marca uma reunião. Se precisar protestar na arquibancada, a gente faz também. É pelo time. Tem a independência necessária pra reclamar quando é necessário. Eu fico na presidência até não me quererem mais. Quando isso acontecer, se precisar pegar em bandeira, eu pego. Se precisar que toque na bateria, eu toco. Se não precisar, eu venho do mesmo jeito.

87

Não consigo ver a minha vida sem a Império, sem frequentar estádio. Faz 25 anos que eu estou aqui. Não consigo ver a minha vida sem torcida, sem ver jogo, mas vai saber o que vai acontecer lá pra frente... Não tenho planos. Só quero ficar aqui. Eu poderia ter feito mais coisas pela torcida,

poderia ter viajado mais, mas não adianta voltar.
É daqui pra frente.

Não digo que eu não gosto do time, porque é lógico que eu gosto, mas hoje, na verdade, **torço mais pela Império do que pelo Coritiba**. Eu gosto da torcida, eu quero ver a minha torcida cada vez maior, fazendo mais festa na arquibancada, com cada vez mais gente. E se o time está bem, a torcida está bem. Só que eu quero o melhor para a minha torcida. A partir do momento em que não me quiserem mais aqui, eu vou fazer outras torcidas, porque o que eu gosto é disso, do estádio. O jogo pra mim, o futebol em si, perdeu muito encanto.

A photograph of a woman, Aline Silveira, sitting in a stadium. She is wearing a white Palmeiras jersey with green vertical stripes and the 'Grefisa' sponsor logo. The background shows a large crowd of spectators in a stadium at night, with bright lights illuminating the scene. The text 'Aline Silveira, 34 anos, torcedora do Palmeiras' is overlaid on the image.

Aline Silveira, 34 anos,
torcedora do Palmeiras

Gosto de usar uma frase do saudoso Joelson Beting: “Explicar a emoção de ser palmeirense a um palmeirense é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... É simplesmente impossível”.

Não lembro de fato a data que comecei a torcer, mas tenho memória afetiva de jogos muito antigos, quando ainda eram transmitidos pela Record. Minha família conta que quando eu tinha 5 anos sentava ao lado do meu pai, palmeirense, já falecido para ver os jogos. Eu sentava e o admirava assistindo aos jogos e ouvindo pelo rádio.

Ele me levou ao estádio pela primeira vez em 2000. Lembro perfeitamente a sensação de chegar ao Palestra e ver tantas pessoas iguais a

mim. Lembro perfeitamente do tio que vendia amendoim e das arquibancadas de concreto quentes pelo sol. Também me recordo de ver a organizada e algumas meninas torcendo. Fiquei encantada e decidi que era aquela vida que queria para mim.

Por isso, desde 2000, acompanho o Palmeiras com um certo fanatismo. Em 2012, fui em meu primeiro jogo fora de casa. É sempre um sentimento diferente. Eu gosto do futebol como um todo e sempre quis conhecer os mais diferentes estádios e arenas. A primeira vez, fui de carro para a Vila Belmiro, em Santos, SP. A sensação foi incrível. Estar longe de casa e ser torcida visitante faz você querer ostentar ainda mais a sua camisa.

Ninguém me acompanha, mas a minha família entende essa paixão toda e apoia, por causa do meu pai.

Já fiquei 15 horas na estrada porque, perto de chegar em Porto Alegre (RS), para um jogo contra o Internacional, nosso ônibus quebrou e a polícia nos fez pegar um ônibus de linha. Também já fui assistir um jogo no Mineirão e acabei em uma situação, no mínimo, constrangedora. Fui com algumas amigas assistir um jogo no Mineirão, em Belo Horizonte (MG). O Palmeiras havia informado nossa rota com escolta para o estádio, mas nosso hotel era bem perto. Pedimos um uber, já devidamente uniformizadas. O problema foi que o motorista foi fazer uma “brincadeirinha” e acabou entrando no meio da torcida do Cruzeiro. Tivemos que tirar as camisas e ficar só de sutiã. Para ajudar, ele não estava

apenas no meio da torcida adversária: estava atrás do ônibus do time deles. Tivemos que pedir socorro para a polícia. Desci só de sutiã no meio da rua e parei um carro da PM, que fez a escolta até a nossa entrada.

Apesar dessa situação, nunca fiz nada que eu tenha me envergonhado. Em 18 anos de estádio, todas as minhas ações foram baseadas no amor que sinto. Para alguns, meu fanatismo é exagero. Para mim, é motivo de orgulho.

94

Além disso, as amizades conquistadas nesses anos e a vida que o Palmeiras me proporciona são duas coisas que me deixam muito, muito, muito feliz. Antes de toda a loucura começar, eu era tímida e não tinha tantos amigos. Hoje, tenho o

time como minha vida. Sinto orgulho de ser tida como torcedora referência para muitos amigos.

Amo o Palmeiras e amo torcer para esse time, mas eu aconselharia qualquer outra pessoa que ainda não chegou nesse estágio a reconsiderar, porque uma vez que há amor, há sofrimento, há muita dedicação e muitas vezes sua vida pessoal acaba sendo deixada de lado. Tudo fica restrito em um mesmo círculo. Falo isso para a minha sobrinha, que é palmeirense por minha causa.

95

Só que esse fanatismo me faz estar perto do Palmeiras em todas as situações e, por isso, ter muitos momentos inesquecíveis. A Copa Libertadores da América de 2000, por exemplo, foi um desses momentos. Foi um dos últimos jogos em que pude comemorar com o meu pai e

pude abraçá-lo, quando o Marcão pegou o pênalti batido pelo Marcelinho. Em 2012, outro jogo marcante: Grêmio x Palmeiras, no antigo Olímpico. Eu tinha recém perdido um amigo, vítima de briga entre torcidas organizadas. Por último, acho que posso citar Boca Juniors x Palmeiras em 2018. Sempre tive o sonho de conhecer *“La Cancha de Boca”* e pude realizar esse sonho com uma vitória do Palmeiras.

96

Acho que só apagaria da memória nosso rebaixamento em 2002, no último jogo contra o Vitória. Eu lembro do olhar do meu pai quando me viu. Eu e ele sabíamos o tamanho da tristeza que tomava conta do nosso coração. Nem sequer falamos nada para não chorar.

As derrotas fazem parte da rotina diária de um torcedor. Há as que doem muito, como por exemplo essa contra o Vitória. O Palmeiras é um divisor de águas no meu humor. Pode acabar com ele, mas pode me dar um sopro de vida, me chamando para ser feliz.

Pretendo acompanhar até ficar velhinha. O clube faz parte do meu bem-estar e é necessário para a minha boa relação com a vida. **Ser Palmeiras é um projeto de vida.**

Álison do Amaral, 29 anos,
torcedor do Operário
Ferroviário Esporte Clube



Quando eu era pequeno, meu time fechou as portas do time profissional por 19 anos. Surgiram outros clubes na cidade, mas não vingaram. Por influência do meu pai, eu assistia aos jogos e torcia por outro clube. Só que sempre me senti muito sozinho nas conquistas e não via sentido em torcer só pela TV. Aí, quando cresci, o Operário, time de Ponta Grossa (PR), voltou à ativa na 2ª divisão estadual, mas eu não tinha dinheiro para ir aos jogos, então acompanhava pelo rádio.

101

Comecei a frequentar mesmo os estádios em 2009, que foi quando voltamos à 1ª divisão estadual, depois de 15 anos. Não parei mais. Comecei a torcer meio que sozinho. Era o time da cidade e eu queria acompanhar de perto. Assim que comecei a ter dinheiro, quando comecei a trabalhar e conseguir ir em vários jogos, levava

meu pai comigo. Além dele, comecei a levar vários amigos que acompanhavam de longe. Hoje, vários são fanáticos pelo Operário.

Quando eu era pequeno, antes do time fechar, meu pai me levava nas sociais e eu ficava olhando a torcida. Aquela animação... Eu sempre tive vontade de estar no meio. Em 2009, porém, foi quando acendeu a chama de torcedor. Foi o jogo do acesso para a primeira divisão estadual, um jogo ruuuuuim, um empate por 0 x 0 que ainda nos fez perder o título, fora o dilúvio na cidade. Mas foi a partir daquele dia que comecei a ir em todos os jogos em casa e fora, nos que são possíveis.

102

O primeiro jogo longe da nossa casa foi como mandante, pelo Campeonato Paranaense de

2010, em Curitiba. Decidi que tinha que ir de qualquer jeito e fui. O primeiro fora de casa como visitante que tenho lembrança foi o jogo contra o Joinville, pelo Campeonato Brasileiro. Era um jogo importante válido pelas oitavas de final e convenci meu pai a me levar, mesmo sendo 500km ida e volta.

Faz 8 anos que estou nessa loucura de torcer em tudo quanto é canto que o dinheiro permite. Para muitas pessoas isso é pouco tempo, mas como o Operário voltou a disputar jogos com o time profissional só em 2004, demorei um tempo até começar a acompanhar mesmo. Em 2012, me filiei à torcida organizada e, a partir daí, fui em todas as caravanas.

Meu pai, hoje, já não me acompanha tanto, já que no estádio costuma ficar em outro setor. Minha mãe vai muito raramente. Eles sempre veem muitas notícias de brigas entre torcidas, de mortes de torcedores, então me pedem apenas para tomar cuidado, mas já não ligam tanto para a maneira como acompanho o time.

É o Operário que me traz as melhores memórias. Teve uma viagem para a Paraíba... Nossa! O jogo era em um domingo. Na quarta-feira que antecedeu o jogo, uns amigos falaram para irmos de carro. Achei que era brincadeira, claro, já que são cerca de 3500km só na ida. Quando percebi que era sério, corri juntar umas economias que estavam guardadas. Por sorte, na época, trabalhava em uma empresa da família, então não tinha problema ficar uns dias fora.

Além da distância, alguns torcedores do Campinense, nosso adversário, estavam prometendo fazer várias coisas contra nós, case fôssemos ao jogo. Ao invés de desmotivar, isso só foi combustível para a loucura.

Bom, para resumir: o carro estragou na ida e na volta, ficamos sem dinheiro, furtaram nossa gasolina e por pouco não nos acidentamos, porque passamos por muitas estradas sem absolutamente nenhuma sinalização. Só assistimos aos minutos finais do jogo e vencemos nos pênaltis. Além do nosso grupo, tinham mais alguns torcedores do Operário que tinham ido de avião, mas não passávamos de 10 pessoas. Fizemos a festa no estádio. Foi muito legal. Valeu demais a viagem e a loucura.

Sempre vale a pena. É um sentimento que não tem como explicar. Eu penso que poderia gastar meu dinheiro com algo mais produtivo, mas chega o dia do jogo e lá estou eu novamente. O fato de ser time de cidade pequena faz tudo ficar ainda mais especial pelo contato com os jogadores e diretores. Isso me faz sentir mais parte do clube. Encontrar os caras no supermercado, no shopping e poder falar algumas palavras de incentivo. Em times maiores, de maior expressão, isso é quase impossível. Acho que esse é o verdadeiro futebol brasileiro, longe das grandes mídias, sem salários astronômicos.

106

Me orgulho de torcer por um time centenário de enorme tradição e muita história, que

representa a cidade onde cresci e até pouco tempo atrás não tinha conquistado nada importante, mas sempre contou com bons públicos. Aprendi a torcer por cada gol, cada resultado, comemorar cada dividida, cada jogada bonita... Hoje ligo menos para títulos.

Me espelho muito na história da Chapecoense e acredito que o Operário possa trilhar o mesmo caminho. Conseguimos sair da série D e estamos indo bem na série C. Se conseguirmos o acesso para a série B, já estaremos entre os 40 melhores times do Brasil. A partir daí, o clube pode crescer em estrutura e sonhar com Libertadores, por exemplo, que para mim é, um dos, senão o melhor, um dos melhores campeonatos do mundo. Não pelo futebol em si, mas pelo conjunto da obra que é o futebol. Ver o Operário lá seria um sonho.



Ana Beatriz Zayat, 25
anos, torcedora do
Flamengo

WWW.
FLANACA00

Minha família sempre foi muito ligada em esporte, principalmente em futebol.

Nem todos acompanham com frequência, mas todos têm um time e gostam de saber sobre a fase, sobre os jogos. Há outros extremamente fanáticos, que vivem e se dedicam ao clube. Eu sou dessa turma.

Me tornei flamenguista, que eu me lembre, com 12 anos, por influência do meu padrinho, que sempre foi um torcedor fanático do Flamengo, daqueles que fazem loucuras. Posso dizer que foi minha maior referência. Foi quando entendi que o futebol era algo que despertava sentimentos tão inexplicáveis a ponto de ver meu pai chorando por um lance ou um gol.

Aos 13 anos, depois de ter compreendido mais e me envolvido da mesma maneira, já me vi completamente entregue ao esporte e ao Flamengo. São 12 anos vivendo de e para o Flamengo.

Gasto, em média, R\$ 500,00 por mês com o time, entre ingressos e passagens. Já viajei de última hora, tendo que dormir em rodoviária ou ponte em cidades que nem sequer conhecia, mas sempre tive sorte. De muito errado, só conto com as derrotas.

Já aluguei um carro com dois amigos para irmos até Belo Horizonte ver a final da Copa do Brasil entre Cruzeiro e Flamengo. Os ingressos estavam esgotados antes mesmo de chegar ao meu plano de sócio torcedor, então comprei de um amigo que também

iria ao jogo. Só que, no meio do caminho, ele me avisou que não tinha conseguido embarcar. Fiquei sem ingresso. Depois de muito nervosismo, paguei R\$ 900,00 em um ingresso, fora a gasolina e o aluguel do carro, para ver o Flamengo perder o título na disputa de pênaltis. Ah, um detalhe: eu estava desempregada.

Já fiz muitas loucuras, mas faria todas novamente.

125

Por morar em outro estado e não poder acompanhar meu time com frequência, me agarro a toda oportunidade que surge de jogo próximo. Sempre tive boas experiências com jogos fora de casa, dentro e fora do estádio. Acho até que é o

momento em que a torcida se faz mais presente.

Quando eu tiver um filho, planejo realmente transmitir esse amor da maneira como é. Se caso conseguisse, me sentiria extremamente orgulhosa. Tem um trecho de uma das canções do Flamengo que diz que “minha melhor herança é esse amor por você”. Acredito que, dentre as heranças que posso deixar, essa seria uma das mais bonitas e puras. Já até influenciei dois amigos que eram vascaínos a virar flamenguistas.

Quando o time ganha, é um sentimento indescritível, inexplicável. Posso dizer que me sinto completa a cada vitória do meu time, como se todo o trabalho fosse

compensado da melhor maneira. Meu sentimento é de amor, de pureza, de leveza. Foi assim na semifinal entre Flamengo e Fluminense na Copa Sul-Americana de 2018. Foi um dos jogos mais emocionantes que pude estar presente no estádio e viver meu maior momento de euforia. Outro que me marcou muito foi Flamengo x Vasco, na final do Campeonato Carioca de 2001, com um de falta do Petkovic aos 43 minutos do segundo tempo. Acredito que foi ali que pude compreender que os 90 minutos vão muito além de um jogo.

127

Quando perde, vem a contrapartida. Misto de raiva, tristeza e arrependimento. O eterno “se”. “Se” aquela bola tivesse entrado, “se” tivesse sido falta... É como se faltasse algo para ficar completo, como se

eu tivesse devendo algo naquele dia e não conseguisse recuperar. Já era, já foi.

O melhor lugar do mundo é dentro de um estádio. Por 90 minutos, nada externo importa e você se torna exatamente a mesma pessoa que está ao seu lado. São pessoas que nunca nem sequer se viram, mas compartilham o mesmo sentimento pelas mesmas cores. Tudo o que ocorre ali é o que tem de mais sincero. Desde o melhor até o pior sentimento. Você abraça um desconhecido e, por uns instantes, vocês pertencem ao mesmo lugar.

O Flamengo me traz a oportunidade de sentir isso, como se nada mais importasse. Como se eu pudesse me desconectar da vida durante aqueles minutos dentro das quatro

linhas. Claro que nem sempre o sentimento é bom, porque existe a frustração, a raiva, a tristeza e todos os outros problemas que acompanhamos com frequência, mas o Flamengo me permite viver cada um desses sentimentos a ponto de aprender a lidar com cada um para a vida.

É o amor mais puro e sincero. É onde vou me refugiar e buscar sentir algo que não se relaciona com mais nada. O Flamengo é algo independente na minha vida. Não importam os problemas com os quais estou tendo que lidar ou passar, o clube tem a capacidade de me tornar a pessoa mais feliz do mundo.

Ele não exige nada além do que eu posso e me permito oferecer. É dele que eu tiro meus principais ensinamentos para a vida, é

ali que eu entendo que o pior momento passa e o melhor faz história. Nada pode descrever com precisão, mas o Flamengo é minha outra vida fora da vida.

